

Notas de Leitura

BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, 98p.

Esse pequeno livro abre a coleção “Pensamento Contemporâneo”, organizada pela professora Maria Andréa Loyola e editada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, reunindo entrevistas com cientistas brasileiros e de outros países, realizada para a série de televisão “Pensamento Contemporâneo”, transmitida pelo Canal Universitário do Rio de Janeiro (UTV). As entrevistas apresentam, fundamentalmente, a contribuição desses intelectuais para o desenvolvimento de sua própria disciplina, acompanhada de depoimentos sobre o pensador, de lista contendo seus textos mais importantes e indicando, no caso dos estrangeiros, as traduções disponíveis em português.

O livro de estréia da série é dedicado ao sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), contendo o depoimento concedido a 27 de outubro de 1999, em Paris, de sua sala no Collège de France, com a duração de quase cinco horas. Filmada integralmente pelo cineasta Pierre Carles (que aproveitou parte dela em seu filme *La sociologie est un sport de combat (A sociologia é um esporte de combate, 2001)*, essa entrevista foi editada, reduzindo-se a uma hora e trinta minutos e recebeu o acrés-

cimo dos depoimentos de Moacir Palmeira e Sergio Miceli, “primeiros professores brasileiros a divulgar o trabalho de Bourdieu em nosso país” (p. 11).

Bourdieu mostra-se relativamente descontraído, falando de sua trajetória, expondo as idéias centrais que desenvolveu ao longo da volumosa obra que escreveu, bem como abordando de forma mais específica temas como globalização, neoliberalismo, papel das organizações não-governamentais, ação do Fundo Monetário Internacional, televisão, dominação masculina, dentre outros (p. 12).

Inicia dizendo acreditar que a sociologia da educação e da cultura que elaborou teve o mérito de mostrar os mecanismos pelos quais a escola participa na conservação das estruturas sociais, numa sociedade de classes. “O sistema escolar contribui, então, para ratificar, sancionar, transformar em mérito escolar heranças culturais que passam pela família” (p. 15). Ao longo de sua obra, pode-se notar a demonstração da existência de relação entre a origem social e o sucesso escolar, além de mecanismos sociais que mantêm essa relação. Entretanto, acrescenta, certas coisas mudam o tempo todo: “se retomamos meu trabalho, desde *Les héritiers (Os herdeiros)* até *La noblesse d’Etat (A nobreza de Estado)*, e mesmo em um capítulo sobre educação em *A miséria do mundo*, vemos que conceitos mudam o tempo todo por sobre uma base de constantes, de conheci-

mentos que se refinam, tornam-se mais precisos, corrigem-se e se sistematizam” (p. 16).

Bourdieu faz uma série de considerações acerca do início de sua carreira na Argélia, a maneira como vivia e entendia a situação no final dos anos 1950, a amizade com Abdelmalek Sayad (que prevaleceu até a morte do amigo argelino) e suas discordâncias com as concepções vigentes de escola libertária, mitificada pelo Partido Comunista. Na Semana do Pensamento Marxista, organizada pelo PC, afirmou: “Aqueles que a escola libertou colocam sua fé numa escola libertária que está a serviço da escola conservadora” (p. 20).

A entrevista prossegue com um ataque aos *Chicago Boys*, à globalização, à precarização das relações de trabalho etc.: “Neste momento, estão acontecendo na França coisas que foram feitas no Brasil, na Argentina, pelos *Chicago Boys*, e vemos as consequências – aumento do desemprego, violência, criminalidade, religiões milenaristas, pentecostais etc. Essas consequências são encontradas também nos guetos de Chicago, ao lado do *campus* universitário simpático dos *Chicago Boys*” (p. 23). Retoma algumas idéias centrais que havia desenvolvido em *Contrafogo*: táticas para enfrentar a invasão neoliberal (1998), criticando os críticos do *Welfare State*, recuperando as idéias centrais do livro de Keith Dixon, *Os evangelistas do*

mercado – que mostra como se deu a produção bem orquestrada do discurso sobre o mundo social e sobre o mundo econômico, “repassada e difundida por grupos, *lobbies*, jornalistas, tendo em geral muito dinheiro por trás” (p. 27). Talvez um dos resultados mais palpáveis dessas transformações possa ser simbolizado por aquilo que caracteriza como “a destruição de todos os coletivos” (p. 28).

No restante da entrevista, Bourdieu solta farpas contra o então presidente Fernando Henrique Cardoso, comparando-o a Jospin, a Schroeder e a Blair: “[...] penso que se alguém se torna presidente social-democrata a serviço das lógicas dominantes é porque já tinha disposições nesse sentido. De qualquer maneira, é claro também que só se pode aceitar a idéia de que ele age pela força de compromissos ligados à posição política como desculpa [...]”. Um homem político, por mais dominado que seja, por mais que esteja ligado a uma posição política dominada, num país dominado, tem uma margem de liberdade que lhe permite agir” (p. 35); também discute as posturas éticas de vários colegas acadêmicos; retoma a discussão acerca do papel da mídia (“as salas de redação vêm a ser um dos lugares mais importantes de poder simbólico e mesmo político e econômico, pois é aí que se criam as idéias-força, as idéias fortes” (p. 45); ressalta o papel das mulheres, no sentido de zelar pelas relações familiares (o que ele chama de capital social da família); e suas relações com o Brasil, que acabou morrendo sem visitar (p. 51-53).

Maria Andréa Loyola escreve, ainda, um pequeno ensaio: “Bourdieu e a sociologia”, no qual procura mapear a obra do autor, valendo-se de atualizada bibliografia acerca de seus trabalhos. Grande parte desses trabalhos já se encontra traduzida no Brasil, embora alguns de seus textos relevantes ainda não tenham sensibilizado as editoras

nacionais. Acredito que esse pequeno livro constitui-se em estímulo significativo no sentido de atrair os leitores brasileiros para a sua obra, fazendo com que uma série de questões sociais vitais possam ser equacionadas com base em novas leituras desse instigante autor, desaparecido no auge de sua vitalidade intelectual.

Afrânio Mendes Catani

Programa de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo

GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Editora Plano, 2002, 86p.

MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica Helena T.A. *O processo de pesquisa: iniciação*. Brasília: Editora Plano, 2002, 108p.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Editora Plano, 2002, 157p.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). *A entrevista na pesquisa em educação; a prática reflexiva*. Brasília: Editora Plano, 2002, 86p.

VIANNA, Heraldo Maecelim. *Pesquisa em educação – a observação*. Brasília: Editora Plano, 2003, 106p.

Meu interesse em conhecer os cinco primeiros livros da série Pesquisa em Educação, organizada por Bernardete Gatti para a Editora Plano, foi principalmente orientado para a minha atividade docente na disciplina nos cursos de graduação. Constatamos, em um trabalho de pesquisa sobre a bibliografia disponível em língua portuguesa para o professor de graduação, nas décadas de 1970/1990, que tem sido considerável a ampliação da produção bi-

bliográfica brasileira sobre esse tema. Entretanto, constatamos também que o aumento de publicações sobre trabalhos monográficos ou de iniciação à pesquisa não vem se fazendo acompanhar de publicações sobre temas mais específicos relacionados ao processo de investigação. O fato de a série objetivar “oferecer uma visão da gama de opções em coleta de dados para a pesquisa em educação e dar uma contribuição ao desenvolvimento de procedimentos de pesquisa” (Gatti, 2002, p. 7) motivou o exame desses livros pela possibilidade de tomar conhecimento de bibliografia que viesse a enriquecer e ampliar aquela disponível para o professor de pesquisa em educação.

Com o livro *A construção da pesquisa em educação do Brasil* Bernardete Gatti oferece uma contribuição significativa na apresentação de um histórico da produção das investigações no campo da educação no país, suas implicações e as questões de método nas pesquisas desenvolvidas. A autora dá destaque a convergências teóricas e metodológicas nas várias fases desse processo, que tem início com a criação do INEP (1938) e vai até o início da implantação dos programas de pós-graduação ao final da década de 1970. Nessa trajetória destaca o papel da ANPEd na integração e no intercâmbio de pesquisadores e na disseminação da pesquisa em educação e questões a ela ligadas. Mostra que esse quadro institucional passou por mudanças substantivas com o grande desenvolvimento da pós-graduação *strictu sensu*, resultante de estímulos específicos à pesquisa, das avaliações periódicas e das exigências para as carreiras docentes universitárias. Para a apresentação desse histórico e organização dessa retrospectiva do desenvolvimento e da institucionalização da pesquisa em educação no país, eu necessitava consultar uma série de artigos de revistas, a maioria deles nos *CADERNOS DE PESQUISA*, da Fundação Carlos